



ORGANIZADORA

MARGARETE BERTOLO BOCCIA

LINGUAGEM, LÍNGUA E LITERATURA PRÁTICAS E ATIVIDADES

 Pedro & João
editores

LINGUAGEM, LÍNGUA E LITERATURA

Práticas e atividades



Pedro & João
editores

MARGARETE BERTOLO BOCCIA
(Organizadora)

LINGUAGEM, LÍNGUA E LITERATURA

Práticas e atividades


Pedro & João
editores

Copyright © Autoras

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras.

Margarete Bertolo Boccia (Organizadora)

Linguagem, língua e literatura: práticas e atividades. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. 84p.

ISBN: 978-65-86101-83-6 (impresso)
978-65-86101-84-3 (Digital)

1. Estudos de linguagem. 2. Práticas em sala de aula. 3. Educação infantil e Ensino Fundamental I. 4. Autores. I. Título.

CDD – 410

Capa: Colorbrand Design

Desenhos da capa: Miguel Angelo Bertolo Campos

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/ Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/ Brasil); Marisol Barenco de Melo (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil);



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 - São Carlos – SP

2020

SUMÁRIO

Apresentação	5
Capítulo 1	11
Projeto literário: do encantamento ao conhecimento	
<i>Silvana Cortada</i>	
Capítulo 2	27
Atividades lúdicas – foco na linguagem oral e escrita	
<i>Margarete Bertolo Boccia</i>	
Capítulo 3	45
Trabalhando as fábulas na sala de aula	
<i>Niuza Barone Peres</i>	
Capítulo 4	55
Trabalhando as lendas na sala de aula	
<i>Margarete Bertolo Boccia</i>	
<i>Niuza Barone Peres</i>	
Capítulo 5	
Projeto jornal	69
<i>Mayara Malheiro Metzker</i>	

APRESENTAÇÃO

A proposta inicial do livro Linguagem, Língua e Literatura – Práticas e atividades foi selecionar atividades que pudessem ser trabalhadas com alunos/crianças da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I, oferecendo um repertório interessante para escolha na atuação dos futuros professores.

O projeto foi aos poucos se constituindo em articulação entre o oferecimento de propostas de atividades e as reflexões possíveis de serem suscitadas.

A literatura passou a ser um foco, assim como as linguagens presentes na área de Língua Portuguesa.

No primeiro capítulo teremos a descrição de como desenvolver um excelente projeto trabalhando com o filme Moana. Moana é a narrativa de uma jovem, filha querida do chefe de uma tribo Motonui da Polinésia, que decide navegar pelo oceano. O projeto sugerido proporciona o conhecimento de outras culturas, costumes. Existem elementos fantásticos, semi-deuses e muita aventura. É um projeto literário, que como a própria autora ressalta, não representa uma receita a ser seguida, mas a possibilidade de o professor colocar o aluno como protagonista, e ele como o mediador, estimulando a interdisciplinaridade e a participação dos educandos.

No segundo capítulo apresentam-se propostas de atividades lúdicas. A opção foi pela caixa temática e o jogo de palavras cruzadas, na proposta da caixa temática o professor pode construir histórias com os alunos

partindo de desenhos – imagens, conhecidas e ao serem apresentadas aos alunos o enredo vai sendo construído. Há ainda a possibilidade de a proposta caminhar para situações de reconto de histórias, se o professor optar pelo reconto de histórias conhecidas, os alunos poderão contar essas histórias a partir de suas experiências, seus referenciais, imaginação e sentimentos.

As histórias ensinam para além do escrito, nesse sentido o terceiro capítulo propõe o trabalho com fábulas e a possibilidade de elaboração de novas fábulas para a discussão de temas reais e específicos existentes na sala de aula. A fábula tem como característica trazer uma lição, uma moral da história, um ensinamento ao final de cada uma delas.

Nesse caminho o trabalho com as lendas foi apresentado no quarto capítulo com a proposição da discussão da narrativa oral do conhecimento popular. Neste capítulo a proposta apresentada é de construção de uma atividade prática com o personagem e, a partir dele, amplia-se para o trabalho com a literatura de Monteiro Lobato.

No último capítulo há a descrição e reflexão sobre um projeto com a utilização e construção de um jornal desenvolvido com alunos do 4º ano do Ensino Fundamental I. A estrutura prática de como o projeto foi desenvolvido é um destaque, possibilitando assim, muitos conhecimentos aos alunos envolvidos.

Que não existem receitas prontas, todos sabemos.

Que os caminhos precisam ser trilhados considerando os conhecimentos dos componentes dos grupos com que se trabalha, também é de conhecimento,

mas sabemos também que boas práticas, boas experiências, podem sim servir de referência e serem compartilhadas.

O que se espera da leitura, é que proporcione a aproximação com atividades reconhecidamente interessantes e que possibilitem a adaptação para outros contextos, realidades e grupos de alunos.

Margarete Bertolo Boccia

CAPÍTULO 1

PROJETO LITERÁRIO: DO ENCANTAMENTO AO CONHECIMENTO

Silvana Cortada

INTRODUÇÃO

Ao longo de algumas décadas, nossas escolas assumiram “Projetos”, como proposta curricular para todas as áreas do conhecimento, bem como para diferentes disciplinas escolares, ora, no aprofundamento de alguns conteúdos programáticos, ora, para o desenvolvimento de temáticas que surgiam de acordo com a necessidade de cada escola, dos interesses dos educandos em suas distintas faixas etárias e até mesmo para acompanhar os assuntos da atualidade. Com o passar do tempo, títulos foram atribuídos aos projetos desde que Fernando Hernández¹ retomou na contemporaneidade, os projetos apresentados na proposta metodológica de Kilpatrick². Nos dias atuais, discute-se projetos como um dos princípios para as Metodologias Ativas³.

¹ Educador espanhol que retoma os princípios de Kilpatrick e Dewey e propõe a reorganização do currículo escolar por meio de Projetos.

² Willian Heard Kilpatrick, discípulo de John Dewey, precursor do Método de Projetos.

³ Proposta pedagógica da atualidade que prima pela interação do aluno como o conteúdo e não mais pelo recebimento das informações contidas nos conteúdos.

Bem, independentemente do título atribuído aos projetos, sendo didáticos, pedagógicos ou temáticos, cabe aqui, enfatizar ao leitor, que os projetos devem ser considerados como uma proposta pedagógica de construção, descoberta e ampliação do conhecimento, assim como de criatividade, pelo aluno, com o aluno e para o aluno. Este deve ser o protagonista da história. O professor será o mediador do trabalho, guiando, orientando e fundamentalmente estimulando a participação do educando em todo o processo de pesquisa, criação, construção e evolução da aprendizagem. Com base nessa premissa, este capítulo tem como objetivo apresentar como se elabora um Projeto Literário que possa desenvolver a interdisciplinaridade por meio da riqueza de informações que um livro de literatura infantil ou um filme pode oferecer. Vale lembrar que não se trata de um receituário ou passo a passo, mas trata-se de apresentar algumas etapas de trabalho que compõem um projeto e, de acordo com a faixa etária do aluno ou de acordo com a realidade da escola, cada professor poderá conduzir ou mediar o processo de orientação do projeto escolhido com base em sua formação, objetivos e criatividade.

PROJETO LITERÁRIO

(Seria bom comprar livros se pudéssemos comprar também o tempo para lê-los, mas em geral, se confunde a compra de livros com a apropriação de seu conteúdo) (Arthur Schopenhauer).

No período que atuava como coordenadora pedagógica, orientava professoras na escolha de livros

de literatura que seriam adotados para cada turma da educação infantil ao ensino fundamental. Percebi que havia muita dificuldade das professoras em escolherem os livros, se não fosse pela indicação do catálogo das editoras. Minha preocupação girava em torno do fato de que a indicação do catálogo não era suficiente para se ter conhecimento do enredo completo, do contexto, do tamanho da produção textual ou mesmo da qualidade e adequação das ilustrações. As professoras já tinham o hábito de abrirem o catálogo de diferentes editoras e pelo título e sinopse, escolhiam aqueles que achavam mais interessantes para suas turmas.

Isso passou a ser um incômodo para mim, pois é preciso ler o livro para saber como ele é. O título, a capa ou a sinopse oferecida nos catálogos das editoras, nem sempre esclarecem o conteúdo da obra e, de modo geral, aquelas professoras não sabiam fazer de outra maneira, pois não haviam aprendido como desenvolver essa atividade no curso de formação de professores e, também ninguém anteriormente, na escola, havia modificado tal ação.

Então, não há outra forma de saborear um alimento senão, provando!

Deu-se início à formação continuada sobre o que se deve analisar em um livro de literatura infantil quando se tem o objetivo de desenvolver um *projeto literário*, partindo de um livro ou mesmo de um filme infantil que também é um excelente recurso pedagógico.

O intuito não era somente escolher uma linda história e adequada para determinada faixa etária. Era, escolher uma história adequada para determinada faixa etária e

buscar no enredo, elementos que dialogassem com as diferentes áreas do conhecimento desenvolvidas nas disciplinas escolares. Dessa forma, o livro ou o filme e suas histórias seriam elementos para novos conhecimentos, desenvolvimento de pesquisas, ações criadoras e criativas para a composição do projeto almejado.

TODA HISTÓRIA PODE VIRAR UM PROJETO?

(Foi o tempo que perdeste com tua rosa que a fez tua rosa tão importante) Antoine de Saint-Exupéry)

Toda informação que o livro oferece é importante. O preço, o tamanho, o peso, a indicação para a faixa etária, os autores, o título, o enredo, a produção textual, os vocabulários, as ilustrações, enfim, o conjunto da obra. Nada pode passar por despercebido, pois cada faixa etária tem características, necessidades e entendimentos diferentes. Outro fator essencial é a paixão pela leitura. Se o professor, ao ler a história, não se encantar, não se apaixonar por ela, dificilmente contribuirá para que seu aluno se encante também. O entusiasmo do professor pela leitura, pela magia que a história transborda, deverá ser transmitido ao aluno. Assim, teremos meio caminho andado!

Vale lembrar que não estamos falando de uma sala de leitura ou biblioteca. Esses espaços têm como objetivo a liberdade de escolha da leitura e a quantidade de livros é fundamental, pois quanto mais livros aleatoriamente o aluno ler, maior o gosto pela leitura desenvolverá e, o ganho, será inestimável.

Mas nossa proposta veicula por outro caminho. Estamos aqui ressaltando a importância da indicação

adequada de um livro de literatura infantil ou de um filme para a elaboração de um *projeto literário*. Então, a dedicação, a quantidade de livros lidos e o tempo que o professor ou professora deverá atribuir à leitura, é parte do projeto. E, isso, dará maior garantia de que a obra escolhida, além de encantadora e apaixonante, terá elementos que servirão para pesquisa, produção, criação, ampliação e aquisição de novos conhecimentos; função do Projeto Literário.

Não se trata de uma leitura superficial para passar o tempo, distrair-se ou divertir-se apenas. Diz respeito a um conjunto de ações, de atividades pedagógicas que têm como ponto de partida o enredo retratado no livro ou no filme.

A trajetória do projeto dependerá da mediação do professor e do envolvimento dos alunos no cumprimento das atividades planejadas. Então, podemos afirmar que toda história pode gerar um “Projeto Literário”, mas a competência e envolvimento do professor na indicação da obra para o sucesso e evolução da atividade é mister.

Mas agora, vamos à busca dos elementos que uma história pode nos oferecer para a evolução do trabalho.

O ENCANTAMENTO DO PROJETO LITERÁRIO.

“A estética e a poesia têm em comum o encantamento que podem provocar”. (Edgar Morin)

Como não é possível apresentar aqui um livro de literatura infantil inteiro para demonstrar a construção do projeto literário, vamos trabalhar com uma história

muito atual que possivelmente a maioria dos leitores já conheçam e caso não, o acesso à história pela internet será mais rápido, possibilitando o acompanhamento das etapas do projeto. A história, o enredo do livro ou filme é o cerne do nosso trabalho. E, a escolha foi por **Moana: Um Mar de Aventuras**⁴. Dessa forma, pergunto ao leitor: o que saberíamos sobre essa história se a lêssemos em um catálogo literário de alguma editora, ou nos inteirássemos sobre a sinopse do filme oferecida pela internet?

Poderia ser isso: “Trata-se da história de uma menina que vive em uma das ilhas da Polinésia e, seu pai, líder da comunidade, não permite que ninguém ultrapasse a arrebentação do mar. Moana, ouve de sua avó que seus ancestrais eram navegantes e isso aguça ainda mais a vontade da garota em explorar o mar além do que seus olhos poderiam ver.”

Cada pessoa que assistiu ao filme ou leu a história em questão, poderia elaborar uma sinopse com mais ou menos detalhes, de acordo com seu entendimento.

Bem, se você conhece a história, sabe que ela vai muito além das poucas palavras descritas acima e, pôde também notar que no contexto desta encantadora história, existem elementos culturais riquíssimos, capazes de gerar um projeto que extrapola as informações acima citadas.

Utilizaremos essa história como exemplo para apresentação das possíveis atividades do projeto

⁴ Data de lançamento: 5 de janeiro de 2017 (1h47min); Direção: John Musker, Ron Clements; Elenco: Auli'i Cravalho, Dwayne Johnson, Alan Tudyk, mais; Gênero: Animação, Família; Nacionalidade: EUA.

literário. Ela será o ponto de partida para os alunos buscarem novos conhecimentos e ampliem as informações abordadas na história e usarem de toda criatividade que sabemos ser inerente a toda criança.

É possível elaborar um rico Projeto Literário, partindo da história Moana: Um mar de aventuras, para a educação infantil ou ensino fundamental. Tudo dependerá da mediação do professor ou professora que em suas habilidades e competências, saberão quais os conhecimentos prévios de seus alunos, bem como até onde poderão estimular suas ações de acordo com a capacidade cognitiva de cada turma, assim como saberão considerar aspectos emocionais, sociais e culturais de seus educandos.

MONTANDO O PROJETO

Título: Mar à vista!

Todo projeto tem um título e, pode ser um indicativo do tema que será abordado ou título fantasia, apenas para chamar atenção. Como o título é a primeira informação sobre o projeto, que se lê, é fundamental que seja estimulante, criativo e que desperte interesse.

O mar é um referencial constante no decorrer da história que escolhemos para exemplificar a elaboração do projeto. Mar à vista! Faz conexão ao título da história, sem repeti-la.

Público – Alvo: alunos 5º ano do ensino fundamental.

Como dito anteriormente, a obra é o ponto de partida, a referência para o projeto, podendo ser

indicada para qualquer faixa etária. Desde os pequenos que ainda não sabem ler até o 5º ano, onde ainda demonstram interesse por filmes de animação e histórias de aventuras como essa escolhida. A opção pelo 5º ano foi aleatória, mas as propostas de atividades são totalmente direcionadas ao interesse desta faixa etária, assim como suas habilidades.

Duração: 8 semanas

A duração do projeto deve ser de acordo com a quantidade de atividades planejadas, bem como sua aplicabilidade. É preciso refletir sobre o tempo que os alunos poderão levar para executar cada atividade proposta. É importante sempre considerar a flexibilidade natural exigida para qualquer planejamento. Situações inesperadas podem surgir no meio do caminho e farão com que o tempo de duração do projeto seja alterado para mais ou menos dias ou semanas.

Portanto, a competência do professor ou professora será fundamental. O olhar atento para a evolução das atividades não pode ser negligenciado. Às vezes os alunos perdem o interesse pela atividade que está sendo executada, principalmente quando está aquém de suas habilidades ou se tornam extensas, cansativas ou difíceis demais para completá-las.

Esse mesmo projeto poderia ter duração de 4 semanas ou de 1 semestre. É possível até elaborar um projeto anual, com apresentação do resultado, ano final do ano letivo.

Objetivo:

Todo planejamento inicia-se pelo objetivo. Quando pensamos em realizar qualquer tipo de tarefa, o que temos claro de imediato é “o quê” pretendemos fazer. Na sequência, nos perguntamos: “como” faremos isso que desejamos? E nem sempre direcionamos o pensamento para o motivo que nos leva a realizar determinada tarefa.

Quando nos perguntamos “porquê” desejamos realizar o projeto, damos início ao processo reflexivo que nos leva ao cumprimento de *metas*.

Ao mediador do projeto cabe oferecer indicativos para que os educandos conquistem a meta traçada no início do projeto. O objetivo do projeto é o alvo, o resultado final planejado na montagem do projeto, somente obterá sucesso se todo o trabalho realizado não se desviar do objetivo. No meio do caminho, algumas atividades poderão ser modificadas em função da necessidade, da escola, dos professores mediadores ou dos próprios educandos. Mas o objetivo nunca se altera.

Chamamos de **Objetivo Geral** a intenção primeira do projeto.

No caso do Projeto Mar à vista! O objetivo Geral é “oportunizar aos alunos do 5º ano, conhecimento sobre a história retratada no filme de animação Moana: um mar de aventuras, que aborda de maneira lúdica, características históricas e culturais de povos que vivem em ilhas na polinésia”.

Para que esse objetivo geral seja alcançado, deve-se também elaborar os **Objetivos Específicos**. Estes que darão aos alunos, condições de desenvolverem

habilidades e realizarem atividades que ajudarão o Objetivo Geral a ser cumprido.

Pode-se elaborar quantos objetivos específicos forem necessários. Eles orientam professores mediadores e alunos a não perderem a estrada, ou seja, a não desviarem do caminho realizando atividades que não fazem parte do contexto ou que não servirão para o produto final do projeto.

Para que o Objetivo Geral apresentado acima, seja alcançado, pode-se ter os seguintes Objetivos Específicos:

- Realizar pesquisas que contribuam para o aluno conhecer geograficamente a localização das ilhas da Polinésia que serviram de inspiração para o filme.
- Experimentar situações que contribuam para realização de diferentes tarefas coletivas.
- Identificar técnicas de artes ou comunicação visual para confecção de embarcações utilizadas pelos povos polinésios.
- Apresentar diferentes alimentos, pratos típicos, vestuário e costumes dos habitantes das 5 principais ilhas da polinésia que serviram de referência para o filme. (Moorea, Fiji, Samoa, Huahine e Bora Bora)

Os objetivos específicos acima relacionam-se à algumas das atividades que serão desenvolvidas no projeto. Um único objetivo específico pode gerar várias atividades. Os objetivos específicos dizem respeito ao conhecimento, habilidades, atitudes e viabilidade das atividades para que o produto final do projeto seja apresentado.

Metodologia:

Primeira etapa:

- Assistir ao filme e registrar os pontos que mais mereceram atenção.

Segunda etapa:

- O professor mediador deverá travar com a turma, discussão que oriente os alunos à reflexão e crítica sobre o enredo, mensagens subliminares, valores, costumes etc. No decorrer, registrar as informações relatadas pelos alunos, pois nelas estão contidos os interesses e conseqüentemente temas ou assuntos que possibilitarão a criação das atividades que comporão o projeto e até o produto final poderá ser revelado nesse momento.

Caso isso não ocorra, o mediador oferecerá as sugestões.

Terceira etapa:

- Propor aos alunos pesquisarem na internet, onde estão localizadas no mapa *Mundi*, as ilhas da Polinésia. As aulas de geografia podem direcionar essa atividade.

Quarta etapa:

É interessante dividir a turma em grupos de 5 alunos e atribuir tarefas de pesquisa sobre cada ilha. Temas como vestimenta, adornos, danças, moradia, alimentação, práticas religiosas, música, instrumentos musicais e diferentes hábitos culturais, dos povos

polinésios, são retratados na história. Esses assuntos podem ser pesquisados e posteriormente transformados em produtos para diferentes etapas e atividades do projeto.

Uma sugestão de atividade pode ser a confecção do vestuário usados nas festividades culturais, assim como é possível ver na história. Um desfile dessas vestimentas e adornos, confeccionadas de papel ou material reciclado é muito criativo.

Da mesma forma os alunos podem pesquisar os instrumentos musicais, seus sons e ritmos e reproduzi-los bem como danças típicas podem ser ensaiadas nas aulas de educação física ou artes.

Uma aula de culinária para um grupo de alunos interessados, pode reproduzir receitas e alimentos comuns do local. Essa atividade seria *deliciosa* na apresentação final do projeto.

Um painel fotográfico com imagens retiradas da pesquisa sobre as ilhas, ilustrariam e despertariam interesse se agregado às informações turísticas sobre o local. Um grupo de alunos poderia montar uma miniagência de turismo que ofereceria pacotes turísticos para as ilhas. Essa atividade poderia contar com a orientação das aulas de matemática ao trabalhar com valores, datas, distância, tempo de viagem etc.

A história dá ênfase à embarcação que o povo da ilha utilizava para a pesca. Trata-se de uma embarcação muito peculiar e primitiva. Historiadores provaram que humanos já tinham aprendido a construir e conduzir embarcações similar à apresentada na história, há milhares de anos. Essas embarcações podem ser objetos

de pesquisa estimulantes para os alunos. Descobrir a evolução desse meio de navegação e similares como barcos, canoas ou veleiros, pode proporcionar uma importante etapa para o projeto. O professor ou professora de artes, tem habilidades e competências para auxiliar os alunos na construção dessas embarcações com diferentes materiais como varetas, palha, bambu, tecido ou argila. Uma exposição das peças criadas pelos alunos poderão ser grande atrativo para o projeto. Nas disciplinas de Língua Portuguesa e História, a produção textual, desenhos, pinturas expondo as descobertas obtidas nas pesquisas, complementam atividades pedagógicas que enriquecem o trabalho.

Sob orientação dos professores das diferentes disciplinas, e demais envolvidos no projeto, as descobertas feitas pelos alunos, vão ganhando forma, características diferenciadas e inovadoras. Os alunos adquirem conhecimentos que ultrapassam o planejamento diário do conteúdo programático apresentados nos livros didáticos e o objetivo de se propor um Projeto Literário, vai adquirindo sentido e significado.

Quinta etapa:

Aqui, a quinta etapa será a apresentação final do projeto para a comunidade escolar e familiares com uma mostra cultural.

Nesse evento é possível organizar uma sala com projeção do filme para os convidados que ainda não conhecem a história. Em se tratando de um livro, seria muito interessante, decorar algumas salas de aulas de acordo com a temática do livro e, diferentes membros da

escola, incluindo os alunos que desenvolveram o projeto, fariam em horários alternados a contação da história. Desde uma leitura com boa entonação até uma contação de história interativa. Essas ações dariam à mostra cultural um tom de teatralização que muito agrada ao público em geral.

Na sequência alguns ambientes decorados com painéis de enorme proporção representando os mapas que os alunos pesquisaram, de forma a oferecer aos convidados, a localização as ilhas da Polinésia.

Esculturas, desenhos, pinturas ou confecção de bonecos representando personagens da história, dará contextualização e encantamento a todos que participarem do evento.

Stands com exposição de artefatos construídos pelos alunos como artesanato locais, instrumentos musicais, comidas típicas, apresentação de grupos de danças e tudo mais que os alunos confeccionaram ao atingirem a quarta etapa do projeto, serão o produto da mostra cultural, coberta de encantamento e orgulho por mostrarem ao público o que foram capazes de criar.

Considerações

Os dias atuais inserem nossos educandos em um universo que não cabe mais ações escolares sedentárias, reprodutivas sem nenhuma ação concreta.

O mundo educacional abre espaço para a *“Cultura Maker”* (aprender fazendo, produzindo e construindo). Proposta curricular que já abrange um grande número de escolas em nosso país.

A proposta da realização de um Projeto Literário, apesar de ter sido iniciada há algumas décadas, vem hoje ao encontro das competências, habilidades e atitudes esperadas para o processo de aprendizagem.

As possibilidades de ações interdisciplinares, na elaboração do Projeto Literário, atendem às expectativas de determinada forma de ensinar que permite ao aluno ser o elemento chave da ação escolar. O docente que compreende essa proposta, se vê como aglutinador da aprendizagem de seus alunos e de seus pares professores. O trabalho coletivo almejado nessa ação educativa, abarca os objetivos da escola democrática e participativa, com a apresentação dos resultados finais do projeto desenvolvido. Enaltecerá o orgulho dos participantes na apresentação do trabalho realizado e com certeza estimulará novas propostas de projetos.

Planejar um Projeto Literário, é bastante desafiador, pois cada história, cada livro lido, ou cada filme assistido, será o disparador para o processo de aprendizagem inovador, mas fundamentalmente encantador.

REFERÊNCIAS

BENDER, Wilian N. **Aprendizagem baseada em projetos**. Educação diferenciada para o século XXI. Porto Alegre, Editora Penso, 2010.

HERNÁNDEZ, F.; VENTURA, M. **A organização do currículo por projetos de trabalho.** O conhecimento é um caleidoscópio. Porto Alegre, Editora Penso, 2000.

MORIN, Edgar. **Ensinar a viver.** Manifesto para mudar a educação. Porto Alegre, Editora Sulina, 2015.

CAPÍTULO 2

ATIVIDADES LÚDICAS FOCO NA LINGUAGEM ORAL E ESCRITA

Margarete Bertolo Boccia

INTRODUÇÃO

Neste capítulo apresentaremos como os documentos legais apresentam as concepções e possíveis propostas para o trabalho com a área de Língua Portuguesa no tocante ao trabalho com a linguagem oral e escrita.

A partir dessa reflexão sobre os referenciais, parâmetros e a base nacional apresentaremos algumas sugestões de atividades que possibilitam a realização de um trabalho interessante de ser desenvolvido com crianças em fase de alfabetização e anos iniciais do Ensino Fundamental.

Tomaremos como sustentação de nossa escrita documentos importantes e oficiais que apresentam intenções e concepções sobre o processo de ensino e aprendizagem sobre a área de Língua Portuguesa. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) são documentos mais antigos, mas representaram a primeira organização e intenção de referenciais e parâmetros para a educação do país em todas as áreas de conhecimento.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), tanto na educação infantil quanto no ensino fundamental, está em fase de implantação, compreensão; todo período de transição merece apoio e reflexão; estamos exatamente neste momento de transição, por isso que todos esses documentos referenciarão nossas reflexões.

A aprendizagem da linguagem oral e escrita é um dos eixos de conhecimento da Educação Infantil, descrito no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), assim é considerado um dos principais elementos para que as crianças tenham suas possibilidades de inserção e de participação nas diversas práticas sociais ampliadas. Essa preocupação e prática se destacada e é valorizada na educação infantil, mas no ensino fundamental, as vezes é esquecida, menosprezada, considerada menor...

O trabalho com a linguagem é bastante amplo e, é assim que deve ser considerado, planejado e proporcionado às crianças, aos alunos, pois sua importância para a formação como sujeito e interação com as outras pessoas, é reconhecida em qualquer espaço das relações entre pessoas.

O trabalho com a oralidade se inicia ainda em casa e, no espaço escolar deve privilegiar a construção da comunicação, sendo recurso fundamental na orientação das ações das crianças, ampliando o repertório delas com a inserção de palavras antes desconhecidas, que passam a ser utilizadas com sentido e significado.

Segundo o RCNEI, “aprender uma língua não é somente aprender as palavras, mas também os seus significados culturais, e, com eles, os modos pelos quais

as pessoas do seu meio sociocultural entendem, interpretam e representam a realidade” (1998, p.117). E, saber selecionar e significar atividades que possibilitem essa aprendizagem mais ampla de sentidos e significados culturais é nossa intenção de discussão; oferecendo sugestões de atividades conhecidas, já realizadas, mas, às vezes, pouco refletidas e significadas.

Para aprender a ler e a escrever, a criança precisa construir um conhecimento de natureza conceitual: precisa compreender não só o que a escrita representa, mas também de que forma ela representa graficamente a linguagem.

Isso significa que a alfabetização não é o desenvolvimento de capacidades relacionadas à percepção, memorização e treino de um conjunto de habilidades sensório-motoras. É, antes, um processo no qual as crianças precisam resolver problemas de natureza lógica até chegarem a compreender de que forma a escrita alfabética em português representa a linguagem, e assim poderem escrever e ler por si mesmas (BRASIL, RCNEI, 1998, p. 122).

Assim, compreender que a escrita representa a fala e esta representação é cheia de sentidos, significados e possui uma estrutura própria não é um conhecimento simples que ocorra por meio da repetição, da memorização e treino como há muito se pensou e, infelizmente algumas práticas ainda reproduzem.

Ressalta-se que na educação infantil não há o foco na alfabetização, mas é nela que se iniciam as propostas adequadas, que colocam as crianças em situações reais, contextualizadas para o uso social da leitura e da escrita.

Muitas são as críticas se encontramos ao brincar na educação infantil, críticas essas de professores e escolas mais conteudistas, que argumentam que a educação infantil deve “preparar” melhor as crianças para a entrada no ensino fundamental e, nós fazemos a crítica reversa, visto que nas escolas de ensino fundamental, a compreensão da alfabetização é compreendida apenas como a prática da escrita, mas a linguagem é mais ampla – a escrita é apenas um dos elementos importantes.

Então, criticamos o desconhecimento da importância de práticas lúdicas como base para o desenvolvimento de aprendizagens e resolução de problemas pelos alunos.

A alfabetização é pessoal, é desenvolvimento individual, que ocorre por meio da articulação de vários processos e ações: falar e escutar; práticas de leitura, práticas de escrita contextualizadas.

Pesquisas sobre a construção da língua escrita pela criança mostram que, nesse processo, é preciso:

- diferenciar desenhos/grafismos (símbolos) de grafemas/letras (signos);
- desenvolver a capacidade de reconhecimento global de palavras (que chamamos de leitura “incidental”, como é o caso da leitura de logomarcas em rótulos), que será depois responsável pela fluência na leitura;
- construir o conhecimento do alfabeto da língua em questão;
- perceber quais sons se deve representar na escrita e como;
- construir a relação fonema-grafema: a percepção de que as letras estão representando certos sons da fala em contextos precisos;

- perceber a sílaba em sua variedade como contexto fonológico desta representação;
- até, finalmente, compreender o modo de relação entre fonemas e grafemas, em uma língua específica (BRASIL, BNCC, 1998, p.91).

Nos PCN's a Língua Oral é discutida a partir de seus usos e formas, assim como na Língua Escrita.

[...] parte do pressuposto que a língua se realiza no uso, nas práticas sociais; que os indivíduos se apropriam dos conteúdos, transformando-os em conhecimento próprio, por meio da ação sobre eles; que é importante que o indivíduo possa expandir sua capacidade de uso da língua e adquirir outras que não possui em situações linguisticamente significativas, situações de uso de fato (BRASIL, PCN, 1997, p. 35).

Além dos usos e formas, as práticas são valorizadas, deixando de lado o olhar fragmentado para a área de conhecimento e oferecendo reflexões sobre os aspectos de leitura, produção de textos, os aspectos discursivos.

Na BNCC a oralidade é contemplada em eixo específico: **Oralidade**, onde aprofundam-se o conhecimento e o uso da língua oral, as características de interações discursivas e as estratégias de fala e escuta em intercâmbios orais.

Os demais eixos da BNCC contemplam: **Análise Linguística/Semiótica**, onde sistematiza-se a alfabetização; no eixo **Leitura/Escuta**, amplia-se o letramento, por meio da progressiva incorporação de estratégias de leitura em textos de nível de complexidade crescente, assim como no eixo **Produção**

de Textos, pela progressiva incorporação de estratégias de produção de textos de diferentes gêneros textuais (2018, p.89)

Nessa perspectiva, partiremos para a sugestão de algumas atividades.

PROPOSTA DE ATIVIDADES PARA O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM

CAIXAS TEMÁTICAS

Nossa proposta de caixa temática é uma adaptação da Caixa Matemática sugerida pelo PNAIC no caderno 3. A proposta dessa caixa é proporcionar ao aluno, de modo autônomo, usar material matemático sempre que sentir necessidade. Além é claro de oferecer ao professor um recurso metodológico interessante que possibilita despertar interesse nos alunos, curiosidade e fácil manuseio.

Exatamente com a intenção de gerar curiosidade, fácil acesso e recurso didático interessante ao professor é que apresentamos a adaptação com a sugestão de transformar a caixa em elemento que apresente recursos para a construção de histórias, reconto de histórias conhecidas com diferentes materiais.

A caixa pode ser construída com as crianças (alunos) ou ser inserida na rotina já pronta. Abaixo apresentamos uma caixa decorada com tecido e alguns elementos de histórias conhecidas para a atividade de reconto de histórias.

Segundo Andrade (2017), o reconto oral de histórias “permite à criança expressar-se de forma criativa e emotiva, bem como a chance para exteriorizar as suas ideias do seu jeito, aumentando a motivação, a literacia e as competências orais” (p. 03). Destacando que esta atividade se dá “quando a criança que narra introduz elementos novos e reinventa histórias conhecidas” (ANDRADE, 2017, p. 03).



(imagem 1 – foto de caixa pessoal – produzida e imagens de histórias conhecidas)

Para a produção de histórias, os professores podem selecionar diferentes imagens relacionadas a um determinado campo semântico ou grupo de palavras que possam compor um enredo interessante. Essas imagens podem ser retiradas da internet, ou desenhos realizados pelas crianças.

A partir da retirada das imagens de dentro da caixa, uma a uma, os alunos podem construir a sua história.

PRODUÇÃO ORAL LIVRE A PARTIR DE IMAGENS



(imagem 2 – foto de caixa de madeira – pessoal e imagens diversificadas)

[...] contar e recontar histórias possibilitará à criança construir a realidade contada, incluindo a organização narrativa essencial na instrução para a vida em sociedade. Ao narrar e ouvir histórias, a criança distinguirá o fundamental do prescindível, gerando sinopses seletivas do texto inicial, expondo benefício pela perfeição das palavras, criando falas com perguntas e respostas, debatendo e aprendendo a respeitar as opiniões dos outros (ANDRADE, 2017, p. 31).

O desafio e o ponto interessante dessa atividade é que a cada proposição os alunos construirão uma história diferente, favorecendo a ampliação de repertório linguístico, um dos objetivos a ser alcançado.

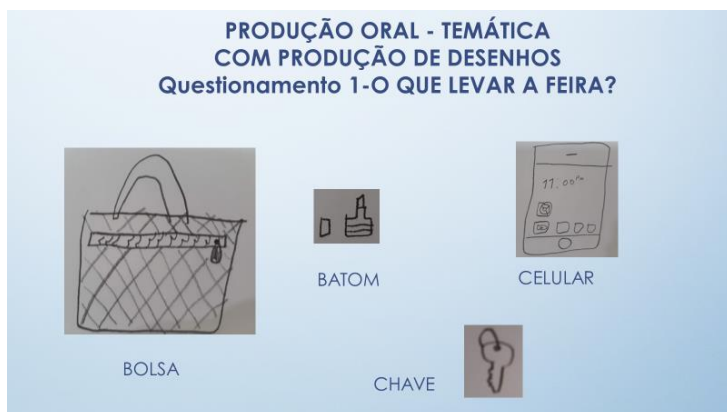
PRODUÇÃO ORAL TEMÁTICA

A produção oral temática tem como objetivo oferecer às crianças a possibilidade construir uma

história ou a escrita de palavras a partir de um tema que pode ser específico a relacionado aquele grupo.

Aqui nossa sugestão é que os alunos possam desenhar e escrever elementos que poderão compor, posteriormente, uma história.

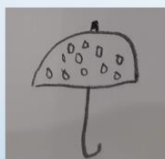
Escolhemos pedir que os alunos desenhassem objetos que podemos ou precisamos levar a feira. Alguns desenhos estão representados abaixo.



(imagem 3 – fotos de desenhos de Miguel Ângelo Bertolo Campos)

A complementação dos desenhos realizados está representada a seguir.

PRODUÇÃO ORAL - TEMÁTICA
COM PRODUÇÃO DE DESENHOS
Questionamento 1-O QUE LEVAR A FEIRA?



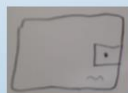
GUARDA-CHUVA



RELÓGIO



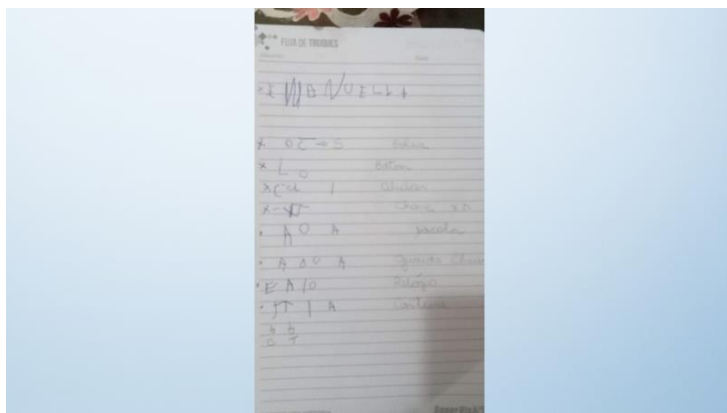
SACOLA



CARTEIRA

(imagem 4 – fotos de desenhos de Miguel Ângelo Bertolo Campos)

A partir dos desenhos a continuidade da proposta é solicitar aos alunos a escrita de listas de palavras.



(imagem 5 – escrita Emanuella Silveira Silva)

A escrita de listas de palavras não é uma atividade nova, aliás é uma atividade já bastante realizada nas

escolas, não será que realmente as propostas são pensadas com articulação, começo, meio e fim?

Os professores da educação infantil se colocam como escribas dessas atividades? As crianças são colocadas em situações de escrita?

Quando nos referimos a uso da escrita em situações reais, os professores conseguem pensar em propostas que representem situações verdadeiras e conseguem criar possibilidades de escrita real/ convencional?

A partir dos desenhos, propor as escritas, representa uma contextualização importante para os alunos.

Comparar as escritas dos alunos, a escrita da criança com a do professor, coloca os alunos em situação de desafio e resolução de problemas. Produção de fichas com essas escritas também podem compor a proposta e servir atividade intermediária entre essas escritas. O uso de letras móveis também pode ser considerado e será apresentado posteriormente com a proposta do jogo de palavras cruzadas.

A partir dos desenhos produzidos pela criança o professor pode solicitar a produção de uma lista de palavras, ou ainda o professor pode ser o escriba dessa lista de palavras:

BOLSA
BATOM
CELULAR
CHAVE
SACOLA
GUARDA-CHUVA
RELÓGIO
CARTEIRA

(imagem 6 – lista de palavras)

Outros desafios podem ser considerados, a escrita em ordem alfabética, por exemplo, pode trazer a ampliação dos conteúdos relacionados, a partir de uma mesma atividade iniciada há muito tempo.

Ampliando a proposta colocar essa lista em ordem alfabética:

BATOM
BOLSA
CARTEIRA
CELULAR
CHAVE
GUARDA-CHUVA
RELÓGIO
SACOLA

(imagem 7 – lista de palavras)

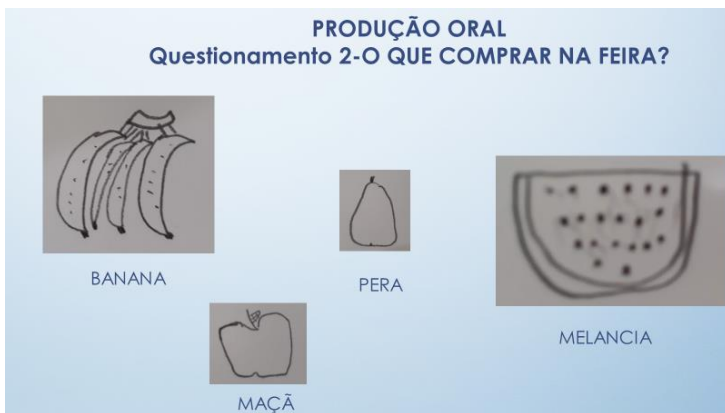
Essa proposta pode ser construída como uma sequência de atividades, assim nossa sugestão de ampliação e continuidade pode ser apresentada com o seguinte questionamento: O que podemos comprar na feira?

Aqui abrimos parênteses; que é a possibilidade de um trabalho interdisciplinar, trabalhando a matemática também, mas a descrição ficará para uma outra proposta, ou você leitor pode colocar essa sugestão em prática, relatar e depois nos contar.



(imagem 8 – fotos de desenhos de Miguel Ângelo Bertolo Campos)

Aqui temos uma quantidade maior de desenhos.



(imagem 9 – fotos de desenhos de Miguel Ângelo Bertolo Campos)

O desenvolvimento da proposta é a mesma da anterior, oferecendo a possibilidade dos desenhos e

escrita de palavras do grupo frutas, legumes entre outras.

PRODUÇÃO ESCRITA – LISTA DE PALAVRAS

A partir dos desenhos produzidos pela criança o professor pode solicitar a produção de uma lista de palavras, ou ainda o professor pode ser o escriba dessa lista de palavras:

CENOURA
UVA
ABACAXI
MORANGO
BANANA
PERA
MAÇÃ
MELANCIA

(imagem 10 – lista de palavras)

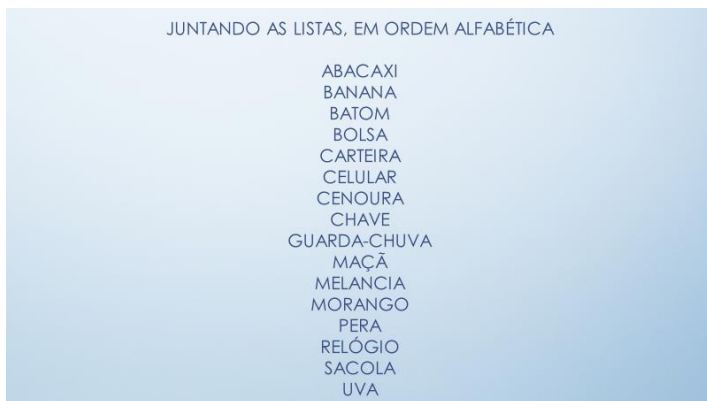
Como já escrevemos acima, o trabalho interdisciplinar, pode ser ampliado à discussão na área de ciências, relacionadas à alimentação saudável, higiene da alimentação, consumo e produção de alimentos, entre outros temas, partindo da proposta de escrita como já descrevemos.

Ampliando a proposta colocar essa lista em ordem alfabética:

ABACAXI
BANANA
CENOURA
MAÇÃ
MELANCIA
MORANGO
PERA
UVA

(imagem 11 – lista de palavras)

Aqui a proposta é juntarmos as duas atividades anteriores e ampliarmos a lista.



(imagem 12 – lista de palavras)

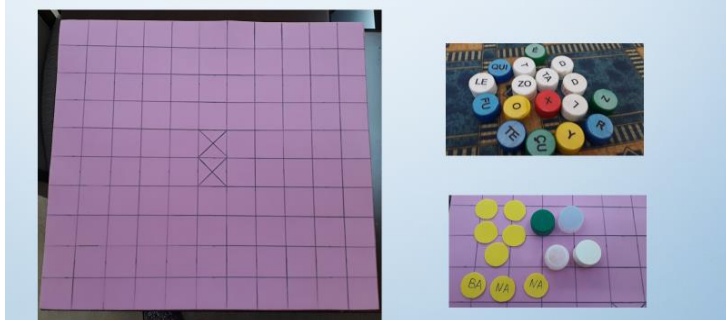
Quanto mais palavras oferecermos, mais poderemos ampliar as possibilidades de exploração por parte do professor e produção de escrita e reflexão pelos alunos.

PRODUÇÃO ESCRITA – PALAVRAS CRUZADAS

Palavras cruzadas é o nome de um jogo de tabuleiro para dois ou quatro jogadores em que letras são dispostas em um suporte para a construção de palavras.

Nossa proposta é a utilização de letras móveis para a construção de palavras sobre um tabuleiro. Palavras essas que não precisam ser pensadas antecipadamente, mas que podem sim relacionar-se com as propostas anteriores.

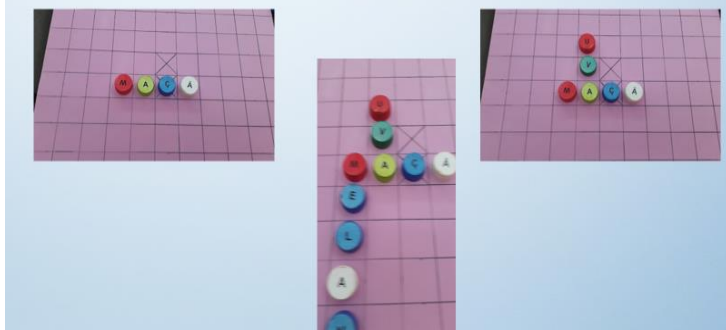
PRODUÇÃO ESCRITA – PALAVRAS CRUZADAS



(imagem 13 – tabuleiro de EVA quadriculado e tampas de garrafas com as letras – letras móveis)

Para construção da proposta do jogo pelo menos 5 grupos de alfabetos inteiros devem estar disponibilizados aos alunos. Mas, o professor, pode também separar e disponibilizar letras específicas para a escrita de palavras que estejam relacionadas a grupos de palavras.

JOGANDO: CONSTRUINDO PALAVRAS A PARTIR DAS LETRAS



(imagem 14 – construção das palavras - processo)

Atividades com foco na língua, linguagem oral ou escrita, favorecem a formação de cidadãos reflexivos, com desenvolvimento cognitivo e capacidade reflexiva.

Segundo Muniz e Catonio (2013, apud DOHME, 2008, p. 07), “o jogo é capaz de formar cidadãos participativos na sociedade trabalhando tanto com o desenvolvimento pessoal, quanto com o cooperativo”.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Joana Fraga. **A Importância do reconto de histórias no desenvolvimento cognitivo de crianças dos 3 anos**. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Fernando Pessoa. Porto, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. RNCEI. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental. PCN**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Construção do Sistema de Numeração Decimal**. PNAIC. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. — Brasília: MEC, SEB, 2014 (Caderno 3).

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. BNCC. Brasília: MEC/ SEB, 2018.

MUNIZ, Marielle Rizzo; CATONIO, Angela Cristina. **O lúdico como estímulo à leitura**: um estudo sobre o projeto de extensão Almanaque. Web revista Discursividade. EDIÇÃO Nº 12 – Volume II setembro 2013.

CAPÍTULO 3

TRABALHANDO AS FÁBULAS NA SALA DE AULA

Niuza Barone Peres

INTRODUÇÃO

Iniciamos a nossa discussão acerca do uso das fábulas em sala de aula, fazer do ensino um compromisso ético, envolve uma preocupação profunda e um compromisso que se assume com os envolvidos no processo educativo: Os futuros professores, os futuros alunos e o professores universitários incumbidos de transformar a sociedade da pós modernidade como um todo. É mister lembrar que todos são responsáveis pelo quadro atual do ensino aprendizagem e que todas as mudanças, para melhor ou para pior, passarão a ser de responsabilidade do educador.

É necessária uma ressalva: muitas vezes os professores são os primeiros apontados como culpados e responsáveis pela má qualidade do processo educativo dos anos iniciais. Paulo Freire (1996) faz uma reflexão em relação a esse aspecto:

Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos. Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor, ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes construídos na prática

comunitária – mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos (FREIRE, 1996, p. 15).

A partir da citação de Freire, se faz necessário repensar na reformulação das práticas adotadas em sala de aula, de forma a atender eticamente e dentro dos parâmetros da cidadania e boa convivência, o trabalho das fábulas pelo professor. As características da fábula devem estar presentes ao se utilizar em classe, como instrumento de reflexão e aprendizagem. A estrutura da fábula possui narrativa linear, isto é, começo, meio e fim; personificação ou prosopopeia, ou seja, os animais ou objetos adquirem características atribuídas aos seres humanos; Reflexão moral: O indivíduo é levado a pensar nas ações praticadas ou deixadas de praticar no decorrer da fábula.

Observe a fábula 1 de Esopo:

A Raposa e as Uvas



Figura 1 A Raposa e as uvas

“Uma Raposa, morta de fome depois de um jejum não intencional, viu, ao passar diante de um pomar, penduradas nas ramas de uma viçosa videira, alguns cachos de exuberantes uvas negras, e o mais importante, maduras. Não pensou duas vezes, e depois de certificar-se que o caminho estava livre de intrusos, resolveu colher seu alimento.

Para isso não poupou esforços, e usando os seus dotes, conhecimentos e artifícios resolveu pegá-las, mas, estavam fora do seu alcance, e depois de muitas tentativas sem nada conseguir, desistiu.

Desolada, cansada, faminta, frustrada com o insucesso de sua empreitada, suspirando, deu de ombros, e se deu por vencida. Por fim, deu meia volta e foi embora.

Saiu consolando a si mesma, desapontada, dizendo: “Na verdade olhando agora com mais atenção, percebo que as uvas estão todas estragadas, e não maduras, como eu imaginei a princípio.”

Esta fábula de Esopo ainda está apropriada para situações em classe, uma vez que, ainda se percebe o mesmo comportamento, embora na pós modernidade, pelos indivíduos. Considerando que a formação do caráter e a obtenção de valores morais e éticos se dá na infância e adolescência, podemos ressaltar através da fábula acima, a necessidade do elogio das conquistas alheias, mesmo que não sejam nossas ou que não possamos atingi-las. Desdenhar o sucesso e a conquista alheia se caracteriza como falha de caráter. Explicar através das fábulas é mais produtivo, leva à reflexão e a internalização dos conceitos corretos.

A escolha das fábulas deve sempre estar em sintonia com a realidade contemporânea e com a realidade da turma que terá a fruição da escolha do tema.

A ideia de trazer a ética para a sala de aula, deve-se pautar também na elaboração de própria autoria para resolver problemas que se fazem presentes e prementes

no séc. XXI. Anseios e desafios precisam ser pensados e resolvidos, uma vez que, se o professor se antecipar aos problemas, com certeza a chance deles aparecerem, diminuirá. Freire (1996) auxilia na reflexão:

Assim como não posso ser professor sem me achar capacitado para ensinar certo e bem os conteúdos da minha disciplina, não posso, por outro lado, reduzir minha prática docente ao puro ensino dos conteúdos. Esse é um momento apenas de minha atividade pedagógica. Tão importante quanto ele, o ensino dos conteúdos, é o meu testemunho ético ao ensiná-los. É a decência com que o faço (Freire, 1996, p. 40).

A partir daí podemos criar fábulas, que se inserem no contexto de “situação – problema”. Exemplifiquemos:

Situação problema 1 - Pequenos furtos de canetinhas hidrográficas em uma sala de 4º ano.



(figura 2 – desenho de Miguel Ângelo Bertolo Campos)

Fábula: “O Coelho Atrapalhado”

Certa vez, em uma clareira da floresta os coelhinhos se reuniram para fazer um delicioso piquenique. Todos trouxeram pequenas cenouras coloridas, que haviam plantado em suas hortas. Um coelhinho atrapalhado, que participava do piquenique, além de comer as cenourinhas que havia trazido, passou a comer e a esconder algumas das cenouras dos outros coelhos em sua própria cesta de piquenique, enquanto os demais coelhinhos brincavam de esconde-esconde em meio às árvores.

Ao retornarem ao local do piquenique, os demais coelhinhos perceberam o sumiço de algumas cenouras. Com esta situação, passaram a olhar desconfiados uns para os outros, até que um deles falou:

--- A minha cenourinha amarela desapareceu!

--- A minha cenourinha roxa também! Replicou outro.

E assim, logo, todos estavam reclamando.

O coelhinho atrapalhado, percebendo a situação que ele havia causado, diz para os amigos:

--- Fui eu, quem comeu e também escondi algumas cenourinhas!

Tirando-as da cesta de piquenique, depositou-as sobre a grama dizendo:

--- Peço desculpas, não sabia que estava causando um aborrecimento para vocês! Não farei mais, prometo!

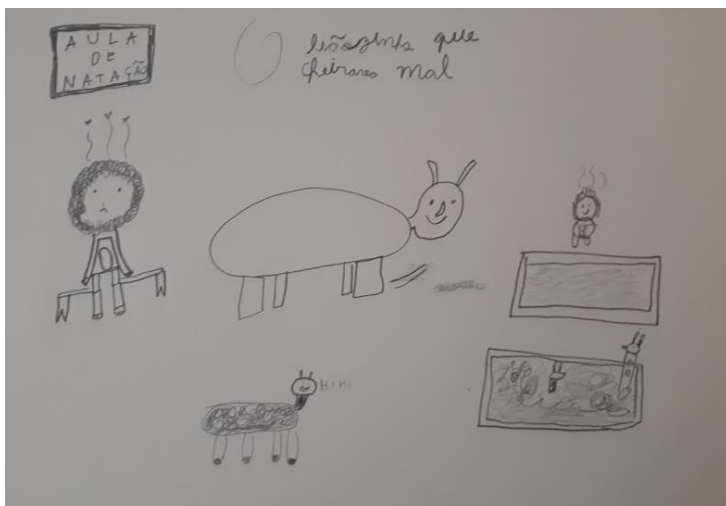


Figura 3 Coelho com cenoura

Moral: Não devemos nos apropriar daquilo que não nos pertence.

(Elaboração: Niuza Barone Peres)

Situação Problema 2 – Bullying – fator causador:
Criança sem hábitos de higiene pessoal causando mal-estar aos demais.



(figura 4 – desenho de Miguel Ângelo Bertolo Campos)

Fábula “O leãozinho que cheirava mal”

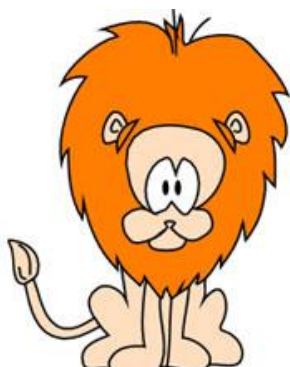


Figura 5 Leãozinho que cheirava mal

Numa savana, conviviam harmoniosamente os leões, as zebras, os rinocerontes, as girafas, os elefantes e as hienas. Todos os filhotes da savana frequentavam as aulas de natação da girafa, porém um dos filhotes, o leãozinho, sempre se recusava a entrar na água e ficava observando os outros filhotes se refrescarem na água. Ao saírem, todos se sentiam limpos, revigorados e felizes. O leãozinho, sob o sol, ficava cada vez mais envolto em

moscas e cheirando mal. A zebrinha apontava, o pequeno rinoceronte se afastava, o elefantinho jogava terra, e o filhote de hiena ria sem parar. A girafa resolveu explicar para todos que a água fazia muito bem para a saúde, pois matava as bactérias e eliminava a sujeira, dando uma grande sensação de bem-estar.

Após a explicação da girafa, o leãozinho decidiu entrar na água e tomar seu primeiro banho

Ao sair, todos os filhotes comemoraram, se aproximaram e fazendo uma grande roda, cantaram felizes.

Moral: Antes de criticar, é preciso ajudar.

(Elaboração: Niuza Barone Peres)

Situação problema 3 – Agressividade – Verbal e física



(figura 6 – desenho de Miguel Ângelo Bertolo Campos)

Fábula “O canguru agressivo de orelhas pontudas”

Nas planícies da Austrália vivia um bando de cangurus. Costumavam ir em busca dos alimentos juntos, apostarem corridas, e se divertirem juntos com os seus filhotes alojados em suas bolsas.

Neste bando, havia um canguru de orelhas pontudas que não conseguia controlar o seu temperamento e seu mau-humor. Toda vez que o grupo decidia fazer uma atividade, o canguru de orelhas pontudas, se irritava e logo arrumava uma briga. Iniciava seus ataques, respondendo com palavras duras e bruscas e quando outro canguru respondia ao seu comentário desastroso, ele atacava fisicamente com seus golpes de socos e chutes.

Estas atitudes fizeram com que o grupo, começasse a isolá-lo e não o convidavam mais para as atividades.

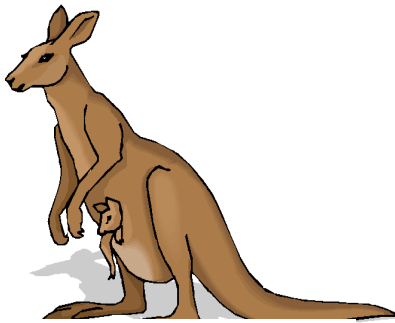


Figura 7 O canguru agressivo

Afastado em um canto, ele observava os demais participando, brincando e tendo horas agradáveis uns ao lado dos outros.

Ao perceber que o tempo passava e os amigos não mais o convidavam, o canguru

de orelhas pontudas decidiu

aproximar-se e falou para o grupo:

--- Posso juntar-me a vocês novamente? Esse tempo que fiquei isolado, me fez repensar minhas atitudes e agora vou procurar me controlar. Vocês me ajudam?

Todos perceberam a boa vontade do canguru em melhorar e prometeram ajudá-lo.

Moral: Não devemos fazer aos outros aquilo que não queremos que façam conosco.

(Elaboração: Niuza Barone Peres)

Estas fábulas e situações problemas permitem que o professor trabalhe os aspectos da ética e da cidadania, que devem permear a boa convivência em sala de aula. Se o professor trouxer, como hábito, uma fábula por semana, direcionada aos problemas específicos daquela determinada turma, teremos, uma sociedade num prazo médio, muito mais cidadã, ética e comprometida.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. 1996 Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra.
Fábula Esopo “A Raposa e as Uvas”. Acessado em: 15 de maio de 2017 as 11:30. Disponível em: <http://sitededicas.ne10.uol.com.br/fabula-a-raposa-e-as-uvas.htm>.

Figura 1, A raposa e as uvas. Acessado em: 15 de maio de 2017 as 11:30. Disponível em: <http://sitededicas.ne10.uol.com.br/fabula-a-raposa-e-as-uvas.htm>

Figura 3, Coelho com cenoura. Acessado em: 17 de março de 2017 as 14:30. Disponível em: <http://www.espacoeducar.net/2009/03/dramatizacao-de-pascoa-o-coelhinho.html>

Figura 5, Leãozinho que cheirava mal. Acessado em: 17 de março de 2017 as 14:30. Disponível em: <http://www.oconsolador.com.br/ano3/109/espiritismoparacrianças.html>

Figura 7, O canguru agressivo. Acessado em: 17 de março de 2017 as 14:30. Disponível em: <http://www.culturamix.com/animais/fotos-de-canguru/>

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

PIAGET, Jean. A equilibração das estruturas cognitivas. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

CAPÍTULO 4

TRABALHANDO AS LENDAS EM SALA DE AULA

Margarete Bertolo Boccia
Niuza Barone Peres

INTRODUÇÃO

O presente capítulo trabalhará com narrativas, escolhemos especificamente narrativas orais; mas antes de chegarmos a elas, optamos por apresentar os gêneros existentes na sociedade⁵. Esse conhecimento nos ajudará na compreensão das mudanças ocorridas nas narrativas ao longo do tempo, visto que antes da escrita as histórias eram contadas nos grupos e transmitidas oralmente.

Assim, como não havia histórias de adultos e de/ou para crianças. As histórias infantis surgiram após a mudança de concepção de criança em nossa sociedade. Considerando as histórias para as crianças ou não, elas apresentam características que as diferenciam em sua estrutura e forma e, serão a essas diferenças que nos debruçaremos.

Narrar é contar histórias e, existem diferentes formas de se contar essas histórias. Vale destacar que existem diferentes gêneros textuais: o narrativo, o descritivo, o dissertativo-argumentativo e expositivo. Narrativas são diferentes formas de se contar um fato, as

⁵ Conto, novela, romance, crônica, fábulas, contos (de fadas, de encantamento, maravilhosos).

exposições desses fatos, contação de histórias, contos, romances, novelas, lendas são formas e gêneros narrativos. Os gêneros literários⁶ também podem representar as diferentes formas de narrativas.

Com base em dicionários digitais apresentaremos de modo sucinto as definições de cada um dos gêneros.

CONTO

Texto narrativo de ficção, curto, escrito em prosa. Conta situação curtas, engraçadas do cotidiano das pessoas.

Existem também os contos chamados de populares e estes contos populares muitas vezes contam histórias engraçadas e até folclóricas.

Geralmente apresentam narradores.

(imagem 1 – definição de conto, adaptada de dicionários digitais).

NOVELA

Texto narrativo maior que o conto, com uma quantidade maior de personagens envolvidos nessas histórias.

O desenvolvimento do texto é rico em detalhes, tentando mostrar ao leitor, o local, as pessoas, o tempo, os sentimentos e os fatos em si.

(imagem 2 – definição de novela, adaptada de dicionários digitais).

⁶ Exemplos de gêneros literários – Épico. Narrativo (romances, contos, novelas, poesias épicas, crônicas, fábulas e ensaios). Dramático lírico (versos, poemas e poesias).

ROMANCE

Texto narrativo com descrição longa das ações e sentimentos dos personagens.

Em sua maioria as situações descritas são fictícias e adaptam fatos da vida real à ficção.

(imagem 3 – definição de romance, adaptada de dicionários digitais).

CRÔNICA

Narrativa informal ligada ao cotidiano das pessoas.

Texto breve, apresenta linguagem coloquial sempre utilizando-se de um toque de humor ou de crítica.

(imagem 4 – definição de crônica, adaptada de dicionários digitais).

FÁBULA

Narrativa de caráter fictício e fantástico. Distante da realidade.

Os principais personagens são alegóricos – animais ou objetos encantados.

A finalidade desses “encantados” no enredo das histórias é transmitir uma lição moral ao final.

(imagem 5 – definição de fábula, adaptada de dicionários digitais).

LENDA

Origem do latim, palavra “*legend*” – com significado de aquilo que deve ser lido. Apesar de sua origem em nosso país ser texto narrativo de transmissão oral.

História contada oralmente que traz os costumes, os fatos históricos tal como foram compreendidos pelos povos mais distantes nos vilarejos ou qualquer outro traço da cultura de um povo .

(imagem 6 – definição de lenda, adaptada de dicionários digitais).

Para embasarmos nossa análise consideraremos também a Base Nacional Comum Curricular – BNCC, seus direitos de aprendizagem e os campos de experiência.

A base propõe o direito de se expressar e conhecer-se. Na BNCC o direito de se expressar tem relação com um sujeito “dialógico, criativo e sensível, suas necessidades, emoções, sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobertas, opiniões, questionamentos, por meio de diferentes linguagens” (BNCC, 2018, s/p. versão digital).

O direito a expressão relaciona-se com as diferentes linguagens que podem ser utilizadas pela criança.

Já conhecer-se, na BNCC está relacionado com a construção da

identidade pessoal, social e cultural, constituindo uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento, nas diversas experiências de cuidados, interações, brincadeiras e linguagens vivenciadas na instituição escolar e em seu contexto familiar e comunitário (BNCC, 2018, s/p. versão digital).

O direito a conhecer-se permite às crianças construir sua identidade e por meio da aproximação com linguagens vivenciadas ou construídas social e culturalmente.

Esses direitos de aprendizagem respaldam nossa escolha para o desenvolvimento desse texto por narrativas.

A BNCC apresenta-nos além dos direitos de aprendizagem, cinco campos de experiências e neste, destacamos o campo: **escuta, fala, pensamento e imaginação**.

Desde o nascimento, as crianças participam de situações comunicativas cotidianas com as pessoas com as quais interagem. As primeiras formas de interação do bebê são os movimentos do seu corpo, o olhar, a postura corporal, o sorriso, o choro e outros recursos vocais, que ganham sentido com a interpretação do outro. Progressivamente, as crianças vão ampliando e enriquecendo seu vocabulário e demais recursos de expressão e de compreensão, apropriando-se da língua materna – que se torna, pouco a pouco, seu veículo privilegiado de interação. Na Educação Infantil, é importante promover experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir, potencializando sua participação na cultura oral, pois é na escuta de histórias, na participação em conversas, nas descrições, nas narrativas elaboradas individualmente ou em grupo e nas implicações com as múltiplas linguagens que a criança se constitui ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social (BNCC, 2018, s/p. versão digital).

As narrativas vinculam-se a esse campo de experiência. Na educação infantil, desde o berçário, as

experiências de escuta, possibilidades de fala, devem ser facilitadas por meio de textos literários, oferecendo às crianças o contato e o conhecimento de diferentes tipos de livros e gêneros. Ampliando gradativamente as possibilidades de criar e contar histórias.

TEORIAS DE APRENDIZAGEM

Dentro da área do ensino de Língua Portuguesa, as teorias da aprendizagem nos auxiliam a entender e a lidar com as lendas em sala de aula.

- **Concepção Inatista**

O inatismo de acordo com a concepção do vocábulo, sugere a valorização dos fatores hereditários, inatos, genéticos e biológicos. Isto é, as características e os dons que a criança traz consigo ao nascer.

Dessa maneira, não existem influências político-histórico-sociais que possam interferir no processo de aprendizagem da criança.

- **Concepção ambientalista**

Ao contrário da concepção inatista, esta busca valorizar o ambiente sócio-econômico-cultural em que a criança está inserida e o estímulo e aprendizagem tem origem externa: Professores, tutores, livros etc.

- **Concepções Interacionista: Construtivista/Sociointeracionista**

Os principais teóricos dessa corrente são Jean Piaget e Lev Vygotsky.

Para Piaget a criança passa por estágios que não podem ser suprimidos (exemplo: Engatinhar, andar, balbuciar etc.). Ele defende que o amadurecimento do sistema nervoso é decorrente das fases devidamente executadas.

Já, para Vygotsky o conhecimento ocorre a partir do que a criança traz consigo e do contexto sócio-econômico-político-histórico-social em que está inserida.

Essas concepções nos auxiliam a entender como o processo de aquisição das lendas perpassam os anos e as tradições.

As lendas são histórias transmitidas pelo povo, são histórias de transmissão oral, de geração em geração.

Escolhemos para exemplificar essa proposta a lenda do Saci-pererê. É uma das lendas brasileiras mais conhecidas.

LENDA DO SACI-PERERÊ

Segundo o site todamatéria.com a lenda é representada por um menino negro que possui uma perna só. Além disso, fuma cachimbo e usa uma carapuça vermelha que lhe dá poderes mágicos. Muito brincalhão e travesso, o Saci surge como um redemoinho e gosta de assustar pessoas. Embora o Saci-pererê seja o mais conhecido, existem três tipos de saci: O Pererê, o Trique e o Saçurá.

Nossa sugestão é a construção do personagem dentro da garrafa de modo a enriquecer o trabalho com a narrativa.

A proposta é que o professor leve o personagem já dentro da garrafa de modo que as crianças fiquem intrigadas sobre o como ele foi parar ali dentro.



(imagem 7 – saci-pererê – dentro da garrafa).

O processo de construção se inicia com uma garrafa pet transparente.



(imagem 8 – garrafa pet).

Para que possamos dar continuidade a garrafa precisa ser cortada em sua base.



(imagem 9 – cortando a garrafa).

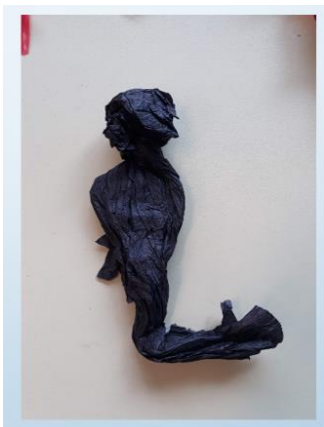
Depois de cortada a garrafa ficará assim:



(imagem 10 –garrafa cortada).

Para fazer o personagem precisaremos de papel crepom preto, papel crepom vermelho. O personagem é

construído apenas com dobradura moldando o personagem.



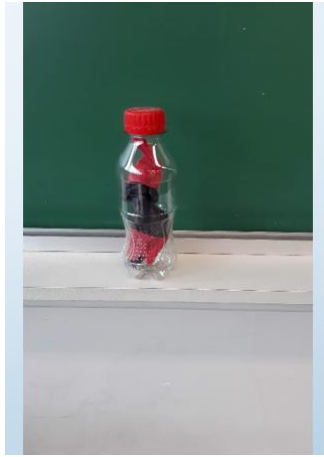
(imagem 11 – personagem moldado).

Colagem do papel vermelho, com o gorro e a roupa



(imagem 12–personagem tomando forma).

Colocar na garrafa, juntar as partes e passar fita transparente.



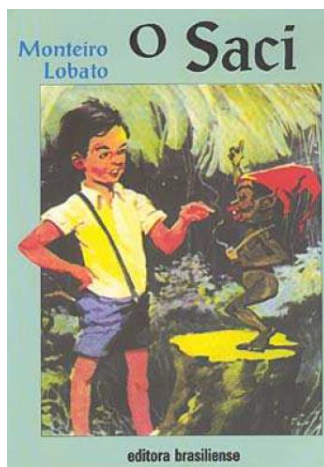
(imagem 13 –personagem na garrafa).

A continuidade do trabalho é utilizarmos o livro *Saci* de Monteiro Lobato, de modo a apresentar um texto da literatura clássica de nosso país, oferecendo aos alunos o deleite de uma leitura diferente, com linguagem rica e distante de nossa linguagem atual, pois possibilitará o que o campo de experiência na BNCC indica, conhecer e reconhecer diferentes usos da escrita.

Desde cedo, a criança manifesta curiosidade com relação à cultura escrita: ao ouvir e acompanhar a leitura de textos, ao observar os muitos textos que circulam no contexto familiar, comunitário e escolar, ela vai construindo sua concepção de língua escrita, reconhecendo diferentes usos sociais da escrita, dos gêneros, suportes e portadores. Na Educação Infantil, a imersão na cultura escrita deve partir do que as crianças conhecem e das curiosidades que deixam transparecer. As experiências com a literatura infantil, propostas pelo educador, mediador entre os textos e as crianças, contribuem para o desenvolvimento do gosto pela

leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo. Além disso, o contato com histórias, contos, fábulas, poemas, cordéis etc. propicia a familiaridade com livros, com diferentes gêneros literários, a diferenciação entre ilustrações e escrita, a aprendizagem da direção da escrita e as formas corretas de manipulação de livros. Nesse convívio com textos escritos, as crianças vão construindo hipóteses sobre a escrita que se revelam, inicialmente, em rabiscos e garatujas e, à medida que vão conhecendo letras, em escritas espontâneas, não convencionais, mas já indicativas da compreensão da escrita como sistema de representação da língua (BNCC, 2018, s/p. versão digital).

São textos curtos que podem ser contados em vários dias oferecendo questionamentos sobre a época, os lugares, as tensões, os medos, os mistérios que envolvem as histórias. Construindo um planejamento estruturado, as boas perguntas já serão suficientes para as discussões e descobertas das crianças.



REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. BNCC. Brasília: MEC/ SEB, 2018, versão digital.

LOBATO, Monteiro, 1882-1948. O Saci / Monteiro Lobato; [ilustrações de capa e miolo Manoel Victor filhos]. — São Paulo: Brasiliense, 2005. — Sítio do Picapau Amarelo). 17ª reimpressão da 56ª Ed. De 1994.

PIAGET, Jean. **A equilíbrio das estruturas cognitivas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

Sites consultados:

<https://www.todamateria.com.br/lendas-do-folclore/>

<https://www.significadosbr.com.br/lenda>

<https://www.dicio.com.br/digital/>

CAPÍTULO 5

PROJETO JORNAL

Mayara Malheiro Metzker

INTRODUÇÃO

O presente capítulo tem por objetivo apresentar o desenvolvimento de um projeto utilizando-se do jornal, com alunos do 4º ano do Ensino fundamental I, em escola pública.

PROJETO – APRESENTAÇÃO

Trabalhava numa escola localizada numa comunidade periférica em São Paulo, com alunos de 4º ano do ensino fundamental. A escola era grande com muitas turmas, abrangendo creche, educação infantil e ensino fundamental I.

Já no período da adaptação, conheci a turma e aproveitei para realizar minhas sondagens através de observações: roda de conversas, quizzes, desenhos, e principalmente no recreio, momento no qual eles se expressavam livremente. Realizamos também a sondagem diagnóstica, momento no qual consegui observar a dificuldade de alguns alunos para realizar as atividades, no momento da correção consegui estabelecer metas e estratégias para alcançá-las. A turma era heterogênea, com nível socioeconômico baixo, dois

alunos que necessitavam de atividades com grandes adaptações: um com TDHA e outro com hipótese de escrita pré-silábica. Dois alunos apresentavam carências econômicas, sociais e culturais. De modo geral os alunos não liam, apenas identificavam o código escrito, apresentavam dificuldade na resolução de situações problemas, já que ainda não eram leitores fluentes.

JUSTIFICATIVA

Após conhecer a turma foi necessário refletir sobre o trabalho a ser feito durante o ano letivo, quais eram as habilidades que eles precisavam desenvolver.

Pensando que durante as sondagens foi observado grande dificuldade na interpretação do texto lido por eles, e que o mesmo não acontecia quando o professor realizava a leitura, observamos que estes alunos precisavam ser leitores fluentes e autônomos, pois a leitura assim como a escrita, é um grande instrumento de conhecimento e desenvolvimento que ajuda a desenvolver muitas habilidades e assume o papel de transformação social.

Para tornar os alunos bons leitores — para desenvolver, muito mais do que a capacidade de ler, o gosto e o compromisso com a leitura —, a escola terá de mobilizá-los internamente, pois aprender a ler (e também ler para aprender) requer esforço. Precisarão fazê-los achar que a leitura é algo interessante e desafiador, algo que, conquistado plenamente, dará autonomia e independência. Precisarão torná-los

confiantes, condição para poderem se desafiar a “aprender fazendo”. Uma prática de leitura que não desperte e cultive o desejo de ler não é uma prática pedagógica eficiente (BRASIL, 1997, p. 43).

Após várias reflexões, pensei em trabalhar com um projeto de leitura, mas não podia ser aqueles textos que eles já estavam acostumados: contos de fadas, fábulas, parlendas, receitas etc. Queria um gênero novo, que eles não tivessem estudado na escola, algo que fizessem eles gostarem de ler, que sentissem a importância da leitura no seu cotidiano e que não fosse algo imposto.

[...] o ato de ler implica um mergulho na própria existência - esta considerada como produto das determinações não apenas internas, mas externas aos sujeitos - no resgate dos significados já produzidos ao longo da vida e no confronto destes com a proposta feita pelo autor. No processo que se concretiza, o sujeito-leitor recupera seus conhecimentos e crenças, implementa seu raciocínio e se reorganiza internamente, marcado por uma nova interação (GUIMARÃES, 1995, p.88).

OBJETIVOS

Objetivo geral

Desenvolver a competência leitora e escritora, de modo que o aluno reconheça a representação da escrita como forma de linguagem.

Objetivos específicos

Ler, interpretar e produzir textos com coesão e coerência, respeitando a norma padrão quanto a: letras maiúsculas; ortografia; segmentação das palavras; estrutura textual adequada ao gênero utilizando parágrafos e pontuações.

PÚBLICO ALVO

Alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental, 4º ano.

METAS

Espera-se que todos os alunos desenvolvam as competências e habilidades, leitoras e escritoras, durante o ano letivo, e que compreendam que suas atitudes refletem e transformam a sociedade em que fazem parte, de modo que, o futuro que almejam depende de cada um, dessa forma, tornar todos os educandos leitores e escritores autônomos que compreendem a importância da leitura e escrita em suas vidas. É importante observar que ao usar o termo escritor me refiro ao sentido daquele que escreve, e não ao que escreve profissionalmente.

METODOLOGIA

Parte 1 - Conhecer os gêneros já estudados - Levantar os saberes da turma sobre gêneros textuais.

Iniciei o trabalho explicando sobre diferentes tipos textuais, pois para cada situação eu uso um tipo de texto e cada um deles apresenta suas características.

Esse momento foi enriquecedor, eu dividi a lousa em três partes, uma para cada ano ciclo, fui anotando as observações deles sobre os gêneros estudados e suas características. Quando necessário eu fazia intervenções seja para ajudarem a lembrar de algo ou para complementar a informação que eles apresentavam.

Parte 2 - Meios de Comunicação

É importante que os alunos saibam que existem várias formas das pessoas se comunicarem. E que desde a época das cavernas o homem tem a necessidade de se comunicar com os outros de sua espécie, essa comunicação inicia através dos desenhos e dos sons emitidos por eles.

1º Roda de conversa sobre a necessidade e importância da comunicação.

2º Filme os Croods - Roda de conversa: Mostrar como os homens das cavernas viviam e a importância da comunicação para a evolução da espécie.

3º Discussão a respeito do filme, e registro da atividade por meio de desenhos e textos.

4º Elencar todos os meios de comunicação que eles conhecem e registrar o modo de uso de cada um.

5º Pesquisar sobre meios de comunicação não tão usuais hoje como telegrama, telégrafo (CIS ou Morse), código Morse com luzes, e sinais sonoros como em La

Gomera (Espanha), na qual os habitantes se comunicam com assobios.

6^o Compartilhar as descobertas através de roda de conversa, na qual todos terão a oportunidade de se expressarem.

7^o Atividades sequenciadas de leitura, interpretação, reescrita e produção textual diversas com base nos livros Como Fazíamos Sem (internet, televisão, telefone, correio) de Barbara Soalheiro.

A parte 2 foi bem longa, esta turma era muito comunicativa, quase todos queriam falar e todos ao mesmo tempo, mas não sabiam respeitar os turnos de fala para tal foi necessário, parar a atividades e explicar que era preciso escutar o amigo, e claro que todos voltaram a falar todos ao mesmo tempo. Paramos a atividade novamente, desta vez decidimos que só falaria que tivesse com o canetão na mão.

Na roda de conversa após o filme não foi necessário o canetão para determinar os turnos de fala, eles conseguiram se controlar para escutar aos amigos.

Ao elencarmos os meios de comunicação e pesquisarmos sobre eles os alunos se maravilharam ao descobrirem que é possível se comunicar por luzes, e assobios, e é claro que tentamos experimentar algumas dessas técnicas do modo que eles entenderam que funcionavam.

Paralelo a essas atividades começamos a leitura do livro Como fazíamos sem, a cada dia a professora lia sobre algo, e o grupo ficava impressionado com as descobertas. Depois fizemos algumas propostas de reconto oral e reescrita do texto objetivando

compartilhar as informações aprendidas com familiares e com outros alunos da escola. Nem preciso dizer que eles gostaram muito de escrever, pois eles queriam muito compartilhar as descobertas.

Logo eles começaram a pedir o livro para levar para casa para lerem e quando eu ia ler aquele que levou já sabia o conteúdo e antecipava para o grupo algumas coisas, deixando algum mistério no ar. Logo comecei a falar sobre o jornal, e que há algum tempo atrás os jornais eram vendidos na rua, e que era comum anunciarem o assunto das notícias dizendo EXTRA!EXTRA!. E isso viralizou antes de eu ler, eles já antecipavam a notícia, na hora do lanche anunciavam a notícia para alunos de outras turmas só para gritarem EXTRA! EXTRA!...

Consegui alguns exemplares extra do livro para fazer empréstimos aos alunos.

Parte 3 - Introdução ao Jornal

1º Atividades sequenciadas em formato de apostila que possibilite aos alunos conhecer a estrutura do jornal. É importante saber que ele está dividido em cadernos, e cada um aborda um tema e diversos assuntos, e que dentro do jornal há diversos gêneros.

2º Manusear o jornal para conhecê-lo.

3º Atividade permanente: Leitura diária de uma notícia, de diversos cadernos, a cada semana escolhe uma notícia para ser trabalhada (reescrita coletiva, individual, em duplas; modificar o gênero transformando a notícia em conto, fábula, poema, paródia; roda de conversa; debate; dramatização).

Durante essa etapa eles foram lendo e compartilhando as descobertas e às vezes eu chamava atenção deles para algum detalhe.

Com o término do livro passei a ler notícias, buscava mudar os cadernos, os preferidos eram o caderno de esporte e da cultura.

Parte 4 - Tipos de jornais

1º Pedir para que eles tragam os jornais que tem em casa. Apareceu uma variedade: alunos que não têm jornal, os que trarão o jornal do supermercado, de automóveis, de imóveis, jornais oficiais (do município, estado), jornais de distribuição gratuita, jornais de sindicatos, jornal convencional, e talvez uma versão impressa do online.

2º Exposição - É importante que todos tenham contato com os jornais, a exposição permitirá que todos tenham acesso a essa diversidade, é bom observar que todos são jornais, mas com finalidades diferentes.

3º Conhecendo o Jornal online, é possível mostrar aos alunos a facilidade de se obter notícias através da internet e a importância de confirmar sua veracidade, como a escola não tem computador para os alunos, pode se usar um computador ou notebook ou celular, conectado a um projetor para melhorar a visualização.

4º Telejornal - Pedir para que os alunos comecem a assistir o telejornal, a cada dia um pode compartilhar a notícia que mais chamou a atenção (seja boa ou não). Essa etapa foi enriquecedora, muitos jornais foram trazidos, diferentes datas e de diferentes empresas, foi possível conhecer, explorar os materiais, comparar a

mesma notícia em jornais diferentes. Alguns alunos compraram outros pediram exemplares a vizinhos e familiares.

Visitamos a redação de um jornal e sua gráfica e eles se encantaram. Eles puderam conversar com os profissionais e tirar suas dúvidas, inclusive nós havíamos lido uma notícia publicada neste jornal que aconteceu perto de nossa escola e que eles presenciaram o fato. Ao relatar o fato aos jornalistas eles abriram a notícia no computador, para os alunos este momento foi mágico, algo que não pensavam em ver: eles viram o fato leram a notícia e agora podiam vê-la no computador onde fora escrita. Depois da visita a redação fomos a gráfica e puderam ver os jornais serem impresso.

Parte 5 - Aprendendo a escrever notícias

Primeiro há que mostrar as características do gênero, a linguagem a ser usada.

Os primeiros textos serão coletivos para que se sintam mais seguros e depois segue com atividades de revisões e reescritas. Esta etapa não foi fácil os alunos que começavam a notícia pelo final, ou resumiam a notícia em uma frase; mesmo com todo o repertório estávamos com dificuldades.

Foi quando pensei: eles não podiam saber o fato completo; era necessário que eles soubessem aos poucos para escreverem o texto sem colocar as inferências que faziam de modo tão explícito, ou resumissem o fato em poucas linhas.

Foi quando tive a ideia de procura por vídeos que iriam chamar a atenção

1º Explicar aos alunos que assistirão um vídeo, explicar um pouco sobre o tema, e pedir um título que seja atrativo. Eu escolhi uma briga entre uma sucuri e um jacaré; o tema inspirou os mais diversos títulos; inevitavelmente formou-se torcidas para o jacaré e para sucuri, falamos um pouco sobre as espécies, fiz um levantamento sobre o que eles sabiam sobre os repteis mencionados.

2º Assistir ao vídeo curto, em três partes, para que eles descrevam o que realmente vê em cada parágrafo (início, meio e fim).

3º Ler para um amigo a notícia e pedir a opinião/ajuda, para revisar o texto.

4º Ilustrar a notícia.

5º Compartilhar com todos a notícia no mural da sala.

A produção de notícia também foi feita a partir de outras notícias online, de telejornal e de jornal. Criamos também notícias a partir de fábulas, e contos, de acordo com a turma e das propostas sugeridas pela professora.

As notícias feitas sobre a briga dos animais ficaram ótimas, eles tiveram que escrever o que viam sem antecipar, perceberam o quanto é difícil o trabalho do repórter que é narrar os fatos e não inventar notícias sensacionalistas.

Ao compartilharem suas produções, perceberam que apesar de todos assistirem o mesmo vídeo, ao mesmo tempo, as notícias não ficaram iguais, cada um usou seu repertório linguístico deixando suas marcas.

Após esta atividade os textos produzidos por eles ficaram cada vez melhores, o que possibilitou a próxima etapa do projeto.

Parte 6 - Confecção de um caderno de notícias

A cada dia um aluno levará para casa o caderno e fará o registro de sua notícia preferida, poderá colar imagens ou desenhar também, é obrigatório colocar informações como nome do jornal, data da publicação ou transmissão. Quem leva o caderno para casa tem a oportunidade de ler o que já foi escrito, a família também deve ser convidada a participar.

Este caderno foi feito com muito carinho, havia aqueles que liam as notícias e produziam seus textos e aqueles que viam o telejornal e escreviam. As aulas iniciam sempre com as notícias do dia anterior, eu já nem precisava fazer muitas intervenções, quando um aluno contava algo que muitos tinham visto, eles se animavam a falar sobre o assunto e já falavam de suas fontes. Quando a notícia era conhecida por poucos, todos faziam aquele silêncio para ouvir. Havia alguns que se justificavam quando não conseguiam ver o jornal ou lê-lo, pois sentiam a necessidade de participar do grupo.

Na reunião os pais falaram sobre a mudanças em suas casas, alguns relataram que os filhos além de assistir o jornal obrigavam a todos da casa a assistirem também; outros contaram que os filhos assistiam a mais de um jornal para saberem se apresentariam as mesmas notícias, poucas famílias tiveram contato com o jornal impresso, talvez devido ao custo.

Parte 7 - Propagandas

1º Diferenciar a propaganda da televisão, rádio e do jornal impresso e seus elementos de persuasão, através de vídeos na internet e jornais impressos, falar também sobre as propagandas que aparecem quando estamos navegando pela internet.

2º Mostrar que há propagandas comerciais e críticas em ambos os veículos, elencar as características de cada uma. Pode ser trazer cartazes ou vídeos e solicitarem aos estudantes que diferenciam em qual há uma crítica e em quais há um produto sendo comercializado.

3º Propor para que elaborem suas propagandas impressas em grupo. Pode solicitar que façam uma para vender um produto e outra para criticar um fato.

Criar um script de uma propaganda, pode ser crítica ou comercial, para depois gravar em sala, solicitar que pensem em todo o material, visto que ao filmar é preciso pensar num cenário, figurino, sonoplastia etc.

Conseguimos assistir comerciais atuais e antigos, fizemos comparações, discussões para defender ideias, agregamos nesta etapa as tirinhas, charges, a pedido da turma.

As propagandas impressas ficaram lindas e as vídeo propagandas ficaram engraçadas, a maior parte dos grupos fizeram críticas com uma pitada de sátira.

Ao assistirmos o resultado final os alunos fizeram a autoavaliação de seu trabalho e de sua performance no vídeo, é interessante observar como esse processo se deu de forma natural, sem que eu precisasse solicitar.

Num outro momento fizemos uma reflexão do trabalho feito por todos, e como havia uma amiga que

estava afastada por motivos médicos, sugeri ao grupo elaborar cartas falando sobre o projeto, quais partes gostaram ou não.

Parte 8 - Jornal impresso

Na semana da criança fizemos diversas atividades: Torta na cara, futebol de sabão, circuitos, piquenique queimada intersala e festa a fantasia.

Na semana seguinte eles produziram as notícias sobre os eventos, a proposta era que esses textos fossem publicados no mural.

A escola e o jornal fizeram uma parceria, enviamos as notícias feitas pelos alunos sobre a semana das crianças e o jornal fez uma edição especial que foi entregue aos alunos. Eles ficaram emocionados com a surpresa; na reunião de pais no final do ano, os familiares manifestaram sua alegria e satisfação com o trabalho realizado...

Observo que este projeto de leitura não foi o único desenvolvido com esta turma ao longo do ano, o projeto deve ser flexível de modo que os alunos possam se envolver na atividade deixando suas marcas nele. É importante se atentar aos interesses da turma e fazer as adequações necessárias, ao longo do ano o projeto de ser revisto e replanejado se for o caso.

Os projetos são situações em que linguagem oral, linguagem escrita, leitura e produção de textos se inter-relacionam de forma contextualizada, pois quase sempre envolvem tarefas que articulam esses diferentes conteúdos. São situações linguisticamente significativas, em que faz sentido, por exemplo, ler

para escrever, escrever para ler, ler para decorar, escrever para não esquecer, ler em voz alta em tom adequado. Nos projetos em que é preciso expor ou ler oralmente para uma gravação que se destina a pessoas ausentes, por exemplo, uma circunstância interessante se apresenta: o fato de os interlocutores não estarem fisicamente presentes obriga a adequar a fala ou a leitura a fim de favorecer sua compreensão, analisando o tom de voz e a dicção, planejando as pausas, a entonação etc. Os projetos de leitura são excelentes situações para contextualizar a necessidade de ler e, em determinados casos, a própria leitura oral e suas convenções (BRASIL, 1997, p. 41).

Ao longo do projeto os alunos se tornaram leitores, não apenas porque aperfeiçoaram esta habilidade, mas porque a leitura passou a fazer parte do cotidiano deles, se a princípio, liam porque precisavam, durante o desenvolvimento do projeto perceberam o quanto é importante a leitura para se informar, para se divertir, para criticar. Aprenderam a ler não apenas as palavras, mas as imagens e os diversos contextos. Aprenderam a ter opiniões e que nem sempre devem expressá-las ao redigir um texto, mas principalmente, não adianta escrever se não for para que alguém leia.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 1989, p. 9).

REFERÊNCIAS

ABCD Maior. Fonte de pesquisa. Disponível em: <<http://www.abcdmaior.com.br>>.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa. (1º e 2º ciclos do ensino fundamental)*. v. 2. Brasília: MEC, 1997.

Diário do Grande ABC. Fonte de pesquisa. Disponível em: <<http://www.dgabc.com.br>>.

Estadão. Fonte de pesquisa. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br>>.

FOUCAMBERT, Jean. **A criança, o professor e a leitura.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler.** 23 ed. São Paulo: Em três artigos que se completam, 1989.

Globo. Fonte de pesquisa. Disponível em: <<http://www.globo.com>>.

GUIMARÃES, Ana Archangelo. **Professor construtivista: desafios de um sujeito que aprende.** 1995. 138f. Dissertação (mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

SOALHEIRO, Bárbara. **Como fazíamos sem.** 1ª ed. São Paulo: Panda Books, 2006.

The Croods (filme). Chris Sanders, KirK DeMicco, Estados Unidos, FoxFilmes. 2013.

SOBRE AS AUTORAS

MARGARETE BERTOLO BOCCIA

Pedagoga, Mestre e Doutora na área da Educação. Professora no curso de Pedagogia. Orientadora Pedagógica da Rede Municipal de São Bernardo do Campo. Já foi professora da Prefeitura Municipal de São Paulo, diretora da Escola Municipal de Educação Básica, na Prefeitura Municipal de São Bernardo do Campo, professora de pós-graduação, coordenadora de cursos de pós-graduação, graduação do curso de pedagogia nas modalidades presencial e EaD. Pesquisadora sobre formação de professores, Metodologias Ativas, Estilos de Aprendizagem e Escola da Infância.

MAYARA MALHEIRO METZKER

Cursou normal em nível médio, Letras e Pedagogia. Fez pós graduação em Psicopedagogia Institucional e, Alfabetização e Letramento. Professora há 15 anos, tem experiência em ministrar aulas de espanhol no Ensino Fundamental II, Ensino Médio e em curso livres, tendo fluência no respectivo idioma. Lecionou na Educação Infantil e Ensino Fundamental nas Rede Pública Municipal e na Rede Particular. Atualmente é professora e orientadora pedagógica na rede Municipal de São Bernardo do Campo.

NIUZA BARONE PERES

Graduada em Letras, pós-graduada em psicopedagogia e mestrado em Educação. Atuou como Professora mestre na Universidade Nove de Julho, ministrando disciplinas no curso de Pedagogia. Possui dois cursos de Língua Inglesa realizados na USIU (United States International University) San Diego, California, na área de Street Talk e um realizado no Canadá na Cornerstone Academic College em Toronto, 2005. Atualmente ministra palestras para comunidade educativa e acadêmicos. Lançamento de obras em 2014, 2015.

SILVANA CORTADA

Pedagoga e Orientadora educacional (PUCSP), pós-graduação em Didática do Ensino Superior (USJT), Trabalho Docente e Relações Étnicos Raciais: História e Cultura Africana e Afro Brasileira (UNIARA), mestrado em Educação na linha da Teoria da Complexidade (UNINOVE). Experiência docente com educação especial, educação infantil, ensino fundamental, coordenadora pedagógica, orientadora educacional e ensino superior. Atualmente é professora do curso de Pedagogia com iniciação científica em projetos literários.

Narrar é contar histórias e, existem diferentes formas de se contar essas histórias [...]

As narrativas vinculam-se aos Campos de Experiência na Educação Infantil e, desde o berçário, as experiências de escuta, possibilidades de fala, devem ser facilitadas por meio de textos literários, oferecendo às crianças o contato e o conhecimento de diferentes tipos de livros e gêneros. Ampliando gradativamente as possibilidades de criar e contar histórias. No Ensino Fundamental I espera-se que esse acesso e as possibilidades possam ser ampliadas e ressignificadas pelos alunos. (cap. 04)